

**O ESCRITOR NO UNIVERSO LITERÁRIO AFRICANO:
CONTRIBUIÇÕES DE PEPETELA
ATRAVÉS DA OBRA “O QUASE FIM DO MUNDO”**

Cristina da Conceição Silva (UNIGRANRIO)

cristinavento24@yahoo.com.br

Patrícia Luísa Nogueira Rangel (UNIGRANRIO)

rangelluisa@ig.com.br

RESUMO

O presente artigo visa apresentar aspectos relacionados às perspectivas acerca do escritor Pepetela no universo literário, apontando que o mesmo deve contribuir para que ninguém ignore o mundo em que vive. E, neste contexto, descreveremos sobre os aspectos literários, desenvolvidos no continente africano, a partir da visão do colonizador frente ao colonizado, além de apresentarmos questões literárias a partir dos olhos de uma elite etnocêntrica, que ignorou a cultura dos povos africanos, no período pós-colonial. Outrossim, destacaremos a importância da literatura, que tem um papel central na interpretação do percurso histórico de uma sociedade, bem como de ponderação sobre as identidades, de forma a contribuir decisivamente para o desenvolvimento de uma nação. Assim sendo, apresentaremos impressões sobre as literaturas de Angola e de Moçambique, que passeiam desde o período colonial no teor da realidade destas nações, explicitando as esperanças de seus povos, as angústias advindas dos conflitos de colonizador contra colonizado, de negro contra negro, e que visam abordar a vida das tribos e as raízes de suas culturas ancestrais. E neste contexto, traremos a tona como o escritor Pepetela, em seu livro *O Quase Fim do Mundo* através de uma narrativa científica instigante, que nos mostra à África como o berço da humanidade.

Palavras chave: Literatura. África. Pós- colonialismo. Pepetela

1. Introdução

O artigo em questão busca apresentar uma discussão acerca da figura do escritor literário apontando sua função de abrir os olhos do mundo, frente a situações de opressão e de domínio em determinadas geografias do mundo.

Nesta conjuntura, apresentaremos questões relacionadas às literaturas angolanas e moçambiquenhas e o desenvolvimento das mesmas em meio às tensões socioculturais e variantes conflitos como raça, etnia etc. Sinalizaremos que, neste dado momento, os escritores destes territórios fazem da literatura instrumento de luta contra o colonizador, que oprimiu durante séculos a liberdade e até mesmo aspectos da identidade dos povos colonizados. As literaturas destes países passeiam na realidade das

nações e na esperança de um povo colonizado e excluído. Outrossim, apresentaremos os modelos literários que circularam pela África a partir do pós-colonialismo e pós-modernismo.

Apontaremos também que a escrita literária em Angola, que aparece na imprensa em meados do século XX e não nos livros, provoca movimentos culturais que trazem ao vocabulário angolano a expressão nação angola.

Para tal, contaremos com as abordagens de Sá (2004), Sartre (2004), Dutra (2009), Camargo (2010) e Miranda (2010) que no decorrer do artigo dialogam sobre as literaturas e escritores que evidenciaram o universo da escrita e de territórios africanos.

Finalizando o artigo descreveremos sobre a literatura do romancista angolano Pepetela em *O Quase Fim do Mundo*, um romance instigante que apresenta entre linhas igualdade social, caráter e uma busca, quase incessante para a resposta da extinção de quase todos os seres do mundo.

2. O universo da escrita e da linguagem

Observa Sartre (2004) que o escritor tem a função de fazer com que ninguém possa ignorar o mundo, ou considere-se inocente diante dele, pois uma vez engajado no universo da linguagem, não cabe fingir que não sabemos falar, pois quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair dele. E neste universo, deixamos as palavras se organizarem livremente, formando frases que nos remetam ao contexto de todo universo. Para Sartre (2004) até o silêncio pode representar a linguagem. Calar-se não é ficar mudo ou recusar-se a falar, também é falar. Logo, se um escritor decide-se calar-se frente à determinada situação que assola o mundo, ele decidiu deixar passar a temática em silêncio, o que não significa essencialmente calar-se.

Relata ainda o autor que ninguém é escritor por decidir escrever certas coisas, mas por decidir dizê-las de um modo específico. A beleza da escrita de um livro, muitas vezes, se esconde, mas age por persuasão como um charme de uma voz ou de um rosto e nos leva a acreditarmos e a cedermos aos argumentos apresentados em seus escrito.

Na verdade, aponta Sartre (2004), o que ocorre aos nos depararmos com determinadas obras é uma forma de solicitação de um encanto

que não se vê. A maneira como o escritor escreve, fala e silencia, através de seus escritos, dá voz e vez ao personagem e tem poder de nos encantar quando ao lermos criamos mentalmente imagens de ambientes e situações por meio da literatura.

Em face deste poder de persuasão, a narrativa tem um papel significativo nos escritos literários, pois através dela percebemos detalhes do ambiente e dos personagens descritos pelos escritores, que adotam este modelo de escrita. E, nesta conjuntura literária, até mesmo o que não é dito em palavras, mas em descrições de gestos dos personagens e do espaço em que acontece a história, é uma forma de contar e de dizer.

3. *A literatura africana no contexto pós-colonial*

De acordo com Sá (2004), a literatura leva as pessoas a conhecerem sua história e cultura, isto é, escritores comprometidos tendem a informar a população sobre situações negativas, de cunho político e social, que envolvem a vida de determinado grupo. Para a autora, existem obras que funcionam como um despertar e até mesmo resultam em mudanças de paradigmas e de mentalidades de uma determinada população, comandado por mentes opressoras. Este modelo de literatura, que apresenta um sentido prático, poderá ou não ser lida pelos comandantes dos países e se caso seja lida, possivelmente eles não interferem em mudanças nos cenários para alterar o quadro apresentados por elas.

A questão é se a literatura dá conta de atuar neste sentido prático, ou seja, se ela é acessada pela população de forma a mostrar a situação que pode ser de interesse, inclusive, de uma nação. Em um contexto desta natureza devesse questionar a possibilidade dos escritores estarem alcançando a determinados grupos, uma vez que, em raras exceções, a população tem acesso aos livros.

Sá (2004) expõe que, na África, os livros, por questões próprias ao mercado econômico de exportação e de importação, são um bem dispendioso e a censura também limita determinadas veiculações literárias. Tendo em vista que os livros são fontes de conhecimentos e conscientização, a literatura só cumprirá sua função no desenvolvimento se o sistema político permitir que as populações sejam sensibilizadas ao terem acesso aos livros.

Observa Sá (2004) que a literatura tem um papel central na interpretação do percurso histórico da sociedade, bem como de ponderação

sobre as identidades, de forma a contribuir decisivamente para o desenvolvimento de uma nação. E ela pode englobar todo o tipo de amarrações, em especial, quando se trata de valorizar o lugar de identidade. E como lugar de identidade, especialmente na África, o conceito geral serve para a oratória sobre a retórica e serve também para estabelecer as relações entre as particularizações e as idealizações, que se movem em direção oposta as necessidades da população.

O mundo é mira de diversos olhares, segundo Sá (2004), são filiações em conjecturas consolidadas que se mestiçaram e o pós-colonialismo é um desses olhares que teorizam e examinam, entre outros contextos, as construções literárias, as concepções identitárias e as condições do mundo. É, então, uma leitura da realidade afundada em eventos e em assuntos diversos, a partir dos quais surgem assuntos que se encontram num mundo que apresenta uma série de categorias consagradas, também na feição dominante de modernidade.

A autora ainda acredita que a tendência dominante surge sob a alcunha de pós-modernismo, o espelho teórico-cultural de uma histórica tendência pós-modernidade, dependente da globalização que agrupa diferentes debates, disciplinas, fronteiras, discursos, facções, disposições e leituras de diversos acontecimentos individuais e grupais, públicos e privados.

Este pós-modernismo se apresenta envolvido em argumento de aceleração, agitação de capitais, informação e comunicação que desconcertam as unidades unidimensionais de tempo e de espaço. Ao surgir atenção ao pós-modernismo, à vida diária e à reflexão científica, a respeito do evento literário, emerge então em lugar de destaque a cultura popular com foco na metanarrativa.

Observa Sá (2004) que, partindo desse princípio, rejeita-se a ideia de que qualquer teoria ou conhecimento da prática social são globalmente adequados e de que a história é uma narrativa contínua unidimensional. No que tange a cultura popular, ocorre uma difusão impregnada dos meios de comunicação de massa que nos faz consumir imagens e significados nela presentes, de maneira a interligar cultura e sociedade, como também a alta cultura e cultura popular.

A negritude é um dos pontos de partida da crítica pós-colonial, localizado no contexto francófono da década de 1930. Com a preocupação do processo de estranhamento do eu no colonialismo, Aimé Césaire propõe que este movimento constitua não uma filosofia, uma metafísica, um conceito do universo, mas sim uma maneira de viver a história de uma comunidade que sofreu a

colonização e a transplantação para outro continente. Restitui-se o ser humano negro como sujeito da história e não como um mero objeto, numa atitude ativa, de luta contra a opressão, de recuperação da dignidade, de revolta e do combate contra a desigualdade. (SÁ, 2004, p. 63)

Sá (2004) expõe que o discurso pós-colonial mostra como a alta cultura europeia se vê nas redes da exploração colonial e como os discursos invocam o passado como meio de resistência e aspectos coloniais que sobrevivem depois da colonização. É através do estereótipo arquitetado sobre o outro que se posicionam os níveis de extensão e de hierarquização das sociedades, que com sentido etnocêntrico mantém o outro afastado e absolutamente oposto no contexto cultural.

Os assuntos sobre exílio, migração, pertença e da não pertença são matérias comuns entre escritores de culturas pós-coloniais e entre os seus teorizadores, surgindo à metáfora das fronteiras. Tal metáfora delibera as condições permanentes de se viver numa condição fragmentada, de raízes moventes, mas que cuja localização primeira se tem conhecimento.

E esta identidade de fronteira admite possibilidades de várias criatividades, expressão de dor, expressão de compromisso, expressão transnacional nas rotas escolhidas ou impostas para os trajetos de uma vida, que nunca deixa de revelar a bagagem transportada para o novo local. A carga de comportamentos e de crenças, as ideias mais convencionais de lar e de pertença, depende de uma clara definição e de uma noção estática de se pertencer a um sítio, de se estar num sítio com raízes fixas numa comunidade ou num espaço geográfico.

Os discursos de nacionalismo e de etnicidade aparecem com apontamentos acerca da pertença de um indivíduo, num grupo que se quer unido e bem definido. Contudo, estas narrativas de pertença poderão não ter lugar num mundo onde a migração e sua herança se alteram, tal como a maneira como os indivíduos pensam a sua relação com o espaço e como ele tem dificuldade em definir o seu sentido de pertença. Sá (2004) ainda relata que o afastamento da concepção que dilui o significado do sentido de pertença nacional, confronta com uma manifestação diaspórica prevalente. Neste sentido, as pertenças dissidentes e a questão da produção literária de escritores são elaboradas para o consumo de uma elite.

4. As literaturas angolana e moçambiquenhas

Camargo (2010) relata que à produção literária angolana se apresenta, geralmente, com temática que abordam as tensões socioculturais, como também os variantes conflitos existentes no país, como os de raça, etnia, gênero *etc.* Com base nessas temáticas os escritores angolanos fazem de seus textos, quase sempre, um instrumento de luta, no qual é possível observar a presença marcante de uma mensagem crítica quanto aos problemas presentes no campo da realidade social em que se inserem.

Observa Miranda (2010) que as literaturas de Angola e de Moçambique passeiam desde o período colonial no teor da realidade destas nações, as esperanças de seus povos, as angústias advindas dos conflitos de colonizador contra colonizado, de negro contra negro. Além de visar a abordagem da vida das tribos, as raízes de suas culturas ancestrais, bem como procuram descrever a nova face de seu povo. Face esta arquitetura na união de negros com negros, negros com indianos, negros do norte da África com negros da África subsaariana, europeus e negros e de todos estes entre si.

As literaturas em questão buscam ainda, como uma espécie de acordo ou encargo, espelhar o político sem disfarçá-lo, trabalhar o estético sem separá-lo das questões mundanas. Identifica Miranda (2010) que essas literaturas refletem sobre questões fundamentais do povo africano. E que no passado as mesmas focalizavam a denúncia ao sistema colonial, a fé, a esperança na construção do socialismo e a crença de que o caminho escolhido levaria à fantasia desejada e resguardada pelos anos de luta na guerrilha. Focalizam, também, as vidas humanas perdidas no embate com os exércitos coloniais e pelas minas assentadas nos solos pátrios, de onde nasceriam hinos e bandeiras a representar a autodeterminação do povo.

Atualmente, tais literaturas espelham as contestações e os desafios vivenciados pelos povos africanos no chamado “mundo globalizado”. Censuram as elites, administradores e delatam as razões que levaram os projetos dos sonhos destes povos a afundarem.

Expõe Miranda (2010) que essas literaturas, hoje em dia, resgatam elementos importantes das culturas fundadoras e trazem suas representações e nuances para as páginas dos livros, de onde se ouve o tambor africano. Estes aspectos distinguem o texto africano de outros textos, em que seus conteúdos têm se lançado em diversas culturas do mundo globalizado. O mais admirável, por conseguinte, é que na organização de palavras

e na exposição das impossibilidades, os agentes de esperança ganham novos contornos e novas formas de lutas, que vem sendo evidenciadas através da literatura.

Como descreve Dutra (2009), a escrita literária em Angola desenvolveu-se na imprensa em meados do século XX e não nos livros. Essas iniciativas foram a mola mestra para romper o silêncio imposto pelo colonialismo. Tal movimento se deu através de uma minoria burguesa nativa inconformada com as práticas colonialistas, que imbuídos de um sentimento nacionalista colocam em pauta a indolência e arrogância dos colonos. Na época em questão, surgem vários movimentos culturais, que trazem ao vocabulário da população em pauta a expressão ‘nação angolana’.

O rompimento com a hegemonia literária do colonizador culmina na estruturação de uma cultura nacional, que conforme Dutra (2009), em que textos literários e escritas poéticas contam com as contribuições de Assis Jr. Antonio Jacinto, Mario Pinto de Andrade, Luandino Vieira, Agostinho Neto (este último primeiro presidente da Angola independente) e Pepetela.

5. *Um breve histórico literário de “O Quase Fim do Mundo” de Pepetela*

No romance *O Quase Fim do Mundo*, Pepetela nos mostra em seus escritos uma narrativa insólita como aquela que se enquadra em pelo menos dois de três dos seguintes postulados: o leitor deve considerar o mundo das personagens como o de pessoas reais e hesitar entre aceitar uma explicação natural; e outra da ordem do sobrenatural para os acontecimentos enunciados.

De acordo com o segundo postulado, tal hesitação pode ser sentida tanto por algumas das personagens quanto tornar-se tema central da obra. O terceiro diz respeito à necessidade de um posicionamento do leitor frente ao texto, aceitando ou não as possíveis explicações para os fatos ali explicitados. Todorov afirma que tais exigências, muito embora tenham valores diferentes, costumam aparecer em conjunto, segundo Dutra(2009).

O Quase Fim do Mundo, décimo terceiro romance deste autor, publicado em 2008, apresenta em seu eixo temático o desaparecimento, por vias aparentemente insólitas, de toda espécie humana. Os únicos so-

breviventes encontram-se em Calpe, cidade que seve de *locus* enunciativo e que está localizada na África, na intersecção do triângulo traçado entre a nascente dos rios Nilo, Congo e Zambeze, comenta Dutra(2009)

Estes sobreviventes apresentam características morais, religiosas e sociais diferenciadas. Dentre os grupos de sobreviventes, encontram-se um sul africano e uma americana. É através deles que o microcosmo enunciado aborda algumas das diversas questões inerentes à África, como confrontos seculares entre algumas etnias. A estas se associam outras, de cunho universal, como o imperialismo e o individualismo que terão de ser vencidos para que o grupo possa suplantar as dificuldades decorrentes das diversas nuances do isolamento a que foi conduzido.

Outra questão relevante sobre estes, relata Dutra (2009), é o fato de que todos se expressam, ao menos minimamente, numa língua comum, o *suahili*, numa união feita, alegoricamente, a partir da etnia banto a que Angola pertence. Este idioma é, semelhantemente, elemento de integração entre as várias áfricas, posto que é falado por milhões de habitantes nos países que constituem a União Africana, como Quênia, Tanzânia, Uganda, Congo, Ruanda, Burundi, Somália, Moçambique, Ilhas Comores, além de ser o único com raízes exclusivamente africanas. Desse modo, a unidade se dá a partir de um traço comum que, como se verá adiante, fará com que outros que não o dominam sejam alijados da narrativa principal e, conseqüentemente, do movimento de reorganização do espaço proposto pela enunciação

Ao se veem sozinhos, o grupo de sobreviventes reconhecem a necessidade de fazer uma viagem, em que percorrerão o Egito, Quênia, Etiópia, Itália, França e Alemanha. E estas viagens revelam para o grupo africano como estátuas, monumentos, ícones e imagens atuam como elementos essenciais às identidades, à retenção e à transmissão de recordações como elo entre a lembrança e o esquecimento a que o desaparecimento da humanidade está fadado.

Entretanto, fazendo valer algumas premissas da ficção pós-moderna e sua estrutura de espelhamento, mesmo que tenham sido entendidos anteriormente como instrumentos de um poder centralizador, tais monumentos já não mais aprisionam, passando, no plano enunciativo, a refletir novas relações entre o ontem, o hoje e o amanhã. (DUTRA, 2009, p. 08)

Tais lugares se revelam, inicialmente, através de sua materialidade, concretude e instauração no tecido físico da cidade. Num segundo olhar, todavia, remetem ao plano das representações, uma vez que correspondem à visão e às expectativas do grupo de sobreviventes alçados à

totalidade de grupo social.

Finalmente, se expressam em sentido funcional por terem a função de garantir a construção de novas identidades, incluindo, construindo memórias e, conseqüentemente, excluindo e promovendo esquecimentos de um espaço outrora hierarquizado por forças já não mais existentes.

Segundo Dutra (2009), a cidade de Calpe funciona, em última instância, como um amplo projeto, cuja proposta não se dá num lugar sujeito a limitações espaço-temporais. Estas passam a ser especificadas pela consciência do saber e da previsão do futuro que se abre diante dessa nova referência à cidade, visto que após o cataclismo que encerrou a vida humana, diminuíram as condições de habitabilidade numa Calpe que, tal qual as outras cidades do mundo vai, gradativamente, se desertificando. Torna-se premente um reinício que traga em si novas configurações não apenas para Calpe, a África, mas do mundo, que farão, finalmente, com que o centro ceda espaço a margens que passarão a convergir para novos rumos e significações.

6. Considerações finais

No que se refere ao contexto histórico pós-colonial, observamos que as literaturas africanas seguem o modelo do colonizador, e a população em questão não ter acesso as literaturas, pois o poder econômico dessa população impedia acesso às literaturas. A negritude era um ponto de crítica em virtude do domínio da cultura europeia, que se fazia presente e dominante nas colonizações africanas.

No período em que o pós-modernismo se expande, o que concerne à vida diária, reflexão científica e a cultura popular, a literatura se apresenta em lugar de destaque, entretanto, se apresentava ligada a sociedade e interligada a alta cultura. O que nos leva a observar um controle sobre os aspectos culturais que brotam do seio popular.

Verificamos que as literaturas angolanas e moçambiquenhas apresentam as tensões culturais e de conflitos existentes nos países, uma vez que as mensagens críticas a realidade social estão inseridos nos escritos literários. Ressaltamos que na Angola a literatura chegou ao conhecimento da população através da imprensa nos meados de século XX, o que promoveu acesso as massas.

No conjunto de escritores angolanos percebe-se como Pepetela

em seu romance *O Quase Fim do Mundo* apresenta confronto. Diferenças étnicas destruídas pela queda da “Fortaleza de Schengen” se mesclam ao passado colonial posto mais uma vez em xeque, num verdadeiro retorno às origens que resulta numa deambulação por diversos “lugares da memória”, assumindo-se como novos “locais da cultura”. Através deles, as personagens exercitam rituais de um recomeço em que passado e presente são constantemente confrontados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKER, Peter. *A escrita da história novas perspectivas*. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa.org. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2008

CAMARGO, Patrícia. *Luanda e filhos da pátria: leituras em movimento*. Dissertação de mestrado. 2010. UFF- Instituto de Letras Mestrado em Letras, Niterói. Disponível em:
<http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-05-31T120118Z-2531/Publico/Dissertacao%20Final%20Patricia.pdf>.

DUTRA, Robson. *Pepetela e a eclipse do herói*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

MIRANDA, Maria Geralda. Literaturas Angolanas e Moçambicanas: espelho da resistência e da disposição de construir um novo tempo. *Revista Augustus*. Rio de Janeiro, Vol. 14, N. 27, fevereiro de 2009. Disponível em:
<http://apl.unisuam.edu.br/augustus/pdf/rev_augustus_ed%2027_05.pdf>
. Acesso em 12/07/2012

SÁ, Ana Lúcia Lopes de. *A ruralidade na narrativa angolana do século XX: elemento de construção da nação*. Universidade da Beira Interior Departamento de Sociologia. Disponível em:
<<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/analuciasa.pdf>>. Acesso em: 12-07-2012.

SARTRE J. p. *Que é literatura?* 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.